

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Comcio Braziliense Class.: Madeira
 Data: 24/01/93 Pg.: 12 115

“Ecoprotecionismo” ameaça exportações brasileiras

O subsecretário-geral do Itamarati para Assuntos Econômicos, da Integração e Promoção Comercial, embaixador Rubens Barbosa, advertiu ontem para o surgimento de uma nova forma de protecionismo nos países desenvolvidos, que estabelece restrição ao ingresso de produtos que prejudicariam o meio ambiente. Segundo ele, o “ecoprotecionismo” vem crescendo sobretudo nos Estados Unidos e nos países membros da Comunidade Européia (CE).

Os EUA já sugeriram ao Gatt (Acordo Geral de Tarifas e Comércio) a adoção de regras que vinculem o comércio internacional a questões ecológicas, enquanto a CE já vem adotando um “selo verde” para permitir a venda e circulação de determinados produtos. A exigência européia, segundo Barbosa, tem provocado problemas ao Brasil e em outros países exportadores de papel, celulose, madeira e ferro-gusa, entre outros produtos. Para o embaixador, o “ecoprotecionismo”

pode prejudicar sobretudo os países em desenvolvimento.

Rubens Barbosa também manifestou preocupação com a ênfase que o novo presidente dos EUA, Bill Clinton, deverá imprimir à sua administração. Rubens Barbosa lembrou que Clinton pretende estimular as indústrias americanas — assim como a CE e o Japão vêm fazendo — a melhorar sua competitividade, o que pode dificultar o acesso de produtos brasileiros àquele mercado. Por isso, uma das saídas que ele vê para exportadores brasileiros é a melhoria da qualidade e da competitividade de seus produtos para concorrer com as empresas americanas.

O Governo brasileiro espera o adensamento das relações com os EUA — conforme o próprio presidente Itamar Franco já manifestou a Clinton. Para isto, o Itamarati espera contar com um canal adicional de diálogo com aquele país, dada a amizade que liga o chanceler Fernando Henrique Cardoso a vários membros da no-

va administração americana.

Entretanto, ressaltou Barbosa, uma nova instância de diálogo não elimina a possibilidade de problemas. Ele disse que é preciso considerar as peculiaridades dos EUA, onde, por exemplo, o que determina os rumos do comércio exterior — inclusive medidas de retaliação — é o Congresso.

Segundo o embaixador, um dos argumentos com que o Itamarati vai insistir junto à Casa Branca é de que o relacionamento dos dois países não pode se deixar contaminar por atritos episódicos — como a sobretaxação ao aço exportado pelo Brasil e mais outros 20 países. “O Brasil quer um relacionamento maduro com os EUA”, observou.

O comércio com os Estados Unidos nos 11 primeiros meses de 1992, chegou a 11,5 bilhões de dólares, nos dois sentidos, contra 11,2 bilhões de dólares do ano anterior. Os EUA respondem por pouco mais de 19 por cento das exportações globais do Brasil.